

Síntese petrográfica das rochas aflorantes na região do Pico da Neblina (AM)

Souza, A.G.H.¹; Bastos Neto, A.C.²; Luzardo, R.¹; Souza, C.M.B.³

¹CPRM Manaus; ²Universidade Federal do Rio Grande do Sul; ³Geóloga autônoma

RESUMO: Na parte leste da região conhecida como “Cabeça do Cachorro” (Estado do Amazonas), situam-se alguns dos pontos mais altos do Brasil, incluindo o Pico da Neblina, o ponto culminante do país, com 2.995,30 m de altitude, situado no município de Santa Isabel do Rio Negro, na Serra do Imeri. O embasamento desta área é constituído pelo Complexo Cauaburi (litofácies Tarsira), em contato com metassedimentos da Formação Serra da Neblina que sustentam a Serra do Imeri. Antigos trabalhos descrevem quartzo-arenito ou arenito milonítico para as rochas desta unidade. Ao longo do perfil, percorrido durante 7 dias, da foz do Igarapé Tucano até o Pico da Neblina, foram descritos fillitos, meta-grauvacas, meta-arenito e meta-conglomerados, cortadas por frequentes veios de quartzo. Próximos ao local conhecido como Mirante ocorrem dois tipos de granitoides. O cume do pico da Neblina é formado por uma camada de meta-arenito, com seixos imersos numa matriz de granulação média, de direção NE e mergulho de 40°SE, afetada por dobramentos e foliações com a mesma atitude, sugerindo tratar-se de um plano de cavalgamento. Ao microscópico petrográfico, o filito contém veios de quartzo boudinados, além de opacos e uma incipiente clivagem de crenulação. O meta-arenito apresenta evidências de deformação, como forte extinção ondulante no quartzo e nos feldspatos, sub-grãos recristalizados de quartzo (GBR), além da presença de fragmentos de rocha, o que sugere ser de composição imatura texturalmente, indicando fonte mais proximal dos sedimentos. A foliação metamórfica é muito bem definida pela orientação da muscovita. A meta-grauvaca, com muscovita fina orientada segundo a foliação, contém granada e porfiroclastos de quartzo suportados pela matriz de finas lamelas de muscovita, apresentando forte extinção ondulante e formação de sub-grãos recristalizados. Ocorrem três tipos de granitoides descritos num mesmo afloramento. O que predomina é um biotita-clorita metamonzogranito, de granulação média a grossa, composto por plagioclásio (36%), quartzo (30%), K-feldspato (22%), clorita (7%), biotita (4%), anfibólio (1%), epidoto e opacos como traços. Este granitoide é cortado por um meta-leucomonzogranito, de granulação média, com textura granoblástica poligonal, composto por quartzo (35%), K-feldspato (33%), plagioclásio (30%) e raros cristais de biotita (1%), anfibólio (1%) e epidoto (TR). Uma terceira fácies é hololeucocrático, constituído por quartzo (43%), K-feldspato (30%), plagioclásio (17%), biotita (2%), muscovita (3%), granada (1%), zoisita e epidoto como traços, e afetado por seritização e saussuritização, classificado como sienogranito milonítico. As rochas que constituem a Serra do Imeri foram correlacionadas ao Supergrupo Roraima, que é tipicamente representado pelas rochas sedimentares pouco ou nada deformadas que ocorrem no Bloco Pacaraima (Roraima), onde formam serras tabulares (tepui). Nossas observações mostram que a Serra do Imeri, constituída pela Formação Serra da Neblina, teve uma evolução geológica bem mais complexa do que aquela do Bloco Pacaraima, afetada por metamorfismo de fácies xisto-verde e por uma deformação relativamente intensa, características estas que resultaram no seu relevo muito acidentado.

PALAVRAS-CHAVE: Serra do Imeri, Formação Serra da Neblina, Metassedimentos.